

Representatividade negra na literatura: um estudo com foco no impacto de livros no desenvolvimento da autoestima

Black representation in literature: a study focusing on the impact of books and their influence on the development of self-esteem

Autores

Tatiana Santos De Azevedo

Bacharel em Administração Pública (UNIRIO)

José Geraldo Pereira Barbosa

Doutor em Administração (UFRJ)

Professor Adjunto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Marina Dias de Faria

Doutora em Administração (UFRJ)

Professora Adjunta da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Resumo

Define-se autoestima como a capacidade de um indivíduo de ter afeto por si mesmo, podendo impactar diversas áreas da vida, positiva ou negativamente. O objetivo deste estudo foi analisar se o acesso a livros representativos de sua etnia durante a infância influencia a formação da autoestima de pessoas negras em longo prazo. A pesquisa utilizou como instrumentos de coleta de dados um questionário fechado aplicado via Google Forms a 86 jovens e adultos negros, e entrevistas com 4 professores. Os resultados sugerem que o acesso a livros representativos, em conjunto com outras ferramentas, pode propiciar um desenvolvimento mais saudável da autoestima de pessoas negras. Verificou-se também que mesmo com a promulgação da Lei 10.639/03, não existe um planejamento estruturado a respeito da abordagem desta temática, para garantir que os educadores estejam preparados para desenvolver o assunto em sala de aula. Deste modo, o caminho em médio e longo prazo seria a participação obrigatória de professores em cursos de reciclagem, garantindo assim uma formação continuada. Para preparar os que ainda estão na Universidade, seria interessante que as Instituições de ensino oferecessem disciplinas pedagógicas obrigatórias focadas em cultura afro, preferencialmente utilizando autores(as) negros(as).

Palavras-Chave: Letramento racial. Discriminação nas escolas. Temática racial nas escolas.

Abstract

Self-esteem is defined as the ability of an individual to have affection for himself, which can impact different areas of life, positively or negatively. The objective of this study was to analyze whether access to books representing their ethnicity during childhood influences the formation of self-esteem of black people in the long term. The research used as data collection instruments a closed questionnaire applied via Google Forms to 86 black youth and adults, and interviews with 4 teachers. The results suggest that access to representative books, in conjunction with other tools, can provide a healthier development of self-esteem for black people. It was also found that even with the enactment of Law 10.639/03, there is no structured planning regarding the approach to this theme, to ensure that educators are prepared to develop the subject in the classroom. Thus, the path in the medium and long term would be the mandatory participation of teachers in refresher courses, thus ensuring continued training. To prepare those who are still at the University, it would be interesting for educational institutions to offer mandatory pedagogical subjects focused on Afro culture, preferably using black authors.

Keywords: Racial literacy. Discrimination in schools. Racial theme in schools. Racial literacy.

Introdução

A educação é um direito de todos os cidadãos brasileiros, segundo a Constituição Federal de 1988, sendo um dever do Estado garantir seu acesso “visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988, art 205). Partindo desta premissa, este estudo analisou a representatividade do grupo afrodescendente em material literário focado no público infantil, com a intenção de enxergar os impactos do acesso à conteúdos pensados diretamente para crianças negras no desenvolvimento da autoestima e, conseqüentemente, nas relações sociais em longo prazo.

Segundo Assis e Avanci (2004), uma formação completa exige mais que conhecimento técnico, pois é na interação com o outro que é possível construir tijolo a tijolo uma visão própria do mundo e de si mesmo. Seria impossível estudar este tema sem considerar o papel da escola e, mais diretamente, dos educadores no que diz respeito à garantia de acesso à materiais adequados para formação das próximas gerações. Não se deve ignorar o passado e/ou como a sociedade brasileira foi moldada: uma mistura de povos, culturas e etnias, mas as pessoas não

são iguais e nunca serão (SILVA, 1999). O período - nada breve, de escravidão instaurou uma dialética que assombra os dias atuais, sendo necessário grande empenho por parte do poder público em criar leis e políticas capazes de escrever um futuro diferente (SCHWARCZ, 2019).

A autoestima é alvo de estudos de diversos profissionais há muito tempo, mas para introduzir este assunto, vale mencionar a explanação de Coopersmith (1967), em que o autor atribuiu à alta autoestima a maior possibilidade de alcançar metas pessoais. O autor propôs que estas pessoas são capazes de manter uma imagem consistente de si mesmas e de suas habilidades, por isso agem de forma mais proativa tendo maior inclinação a ocupar papéis de destaque pela facilidade de expor suas opiniões e ideias. A capacidade de lidar bem com os próprios medos induz o indivíduo a agir de maneira mais focada e realista de acordo com seus objetivos. A construção saudável da autoimagem e conseqüentemente da autoestima e autoconfiança não é somente uma questão psicológica e comportamental, mas também social. Pois pode afetar um grupo de indivíduos a ponto de fazer com que estes não se considerem capazes de realizar determinados feitos ou não se sintam pertencentes a alguns espaços (NOBLES, 2009).

Foi escolhido analisar a autoestima em longo prazo porque não seria possível realizar a coleta diretamente com crianças, que só seria produtiva se fosse feita de maneira presencial, o que não era adequado levando em consideração a pandemia de Covid-19. Outro ponto fundamental para esta decisão, é que os dados coletados nos questionários indicaram que mesmo na vida adulta os respondentes têm recordação de como a pessoa e cultura negras eram ou não representadas durante seu período escolar.

O desenvolvimento da autoestima da pessoa negra

O autoconceito é formado a partir da percepção construída através da interação com outros indivíduos, e ao se inter-relacionar as pessoas iniciam o processo de construção do autoconceito e conseqüentemente da autoestima. Na formação da autoestima, a criança primeiramente percebe a reação das pessoas a respeito dela e depois aprende a pensar em si (ROSENBERG, 1989 *apud* ASSIS; AVANCI, 2004). James (1890) destacou que apesar de ser possível identificar na infância casos de autoestima negativa, se este mecanismo social for aprimorado ao longo da vida as chances de sucesso do indivíduo aumentam. Porém, caso essa

mudança não ocorra, a criança com tendência a uma autoestima mais baixa pode carregar este sentimento para a vida adulta, afetando o seu desenvolvimento em diversas áreas (VIEIRA; FREITAS, 2017).

Nobles (2009) traz a reflexão sobre o impacto das referências simbólicas recebidas na construção de valor do indivíduo e, neste caso em específico, na autopercepção de valor da pessoa negra, pois mesmo aqueles nascidos no período pós escravidão sofrem os efeitos travestidos na ideia de embranquecimento presente na contemporaneidade. A cultura do embranquecimento consiste na negação do valor da pessoa negra e é perpetuada das mais variadas formas, reforçando pessoas brancas em situações de destaque e/ou superioridade no que se refere a beleza, caráter, capacidade intelectual etc. Tais referências podem desencadear comportamentos autodestrutivos que são, na verdade, “fugas psíquicas de uma realidade profundamente anti-africana” (NOBLES, 2009, p. 290).

A pessoa negra é induzida a cobiçar o oposto de seu corpo e contexto étnico pois suas referências estéticas e culturais podem conduzi-lo a negação de sua identidade enquanto pessoa não branca. Assim, sugere-se que a falta de representação de civilizações não brancas, além das culturas de matriz africana, mas também indígenas, orientais etc., é um eco do pensamento eugenista na dias atuais. Desta forma somos ensinados de maneira velada a classificar cultura, características físicas e demais elementos europeus como superiores aos demais. Assim, aqueles que não pertencem naturalmente a tal modelo, buscam nele se enquadrar pelo simples fato de não reconhecerem o valor de suas próprias características histórico-sociais (SOUZA, 1983).

Vale reforçar que segundo Trzesniewski, Donnellan e Robins (2003) uma autoestima bem desenvolvida é um dos fatores responsáveis para obtenção de sucesso na adolescência e/ou vida adulta podendo afetar diversas áreas da vida do indivíduo. O grupo social em que a criança está inserida contribuirá diretamente para a sua capacidade de valorizar-se. Se os estímulos que recebe a respeito de si mesma forem mais negativos do que positivos, isso poderá desencadear um sentimento de insuficiência e inadequação.

Pessoas negras na literatura infantil

A literatura facilita o entendimento de como a sociedade se organiza, e nos auxilia na compreensão de quem somos hoje e de nossa história. Na infância o acesso à leitura pode ser

transformador, assim como pode ser utilizada para manutenção do *status quo* (SABINO; LOURENÇO; SILVA, 2019; RIBEIRO, 2017). Atitudes preconceituosas entre alunos de diferentes ascendências étnico-raciais e/ou sociais, afetam o aprendizado criando uma lacuna para o aluno negro, pois lhe falta um ambiente amistoso onde ele se sinta acolhido para desenvolver interagir. Neste caso, a escola pode se tornar um lugar de sofrimento psicológico, o que faz com que aluno desista de frequentá-lo, se tiver chance (MUNANGA, 2005).

No período pré-abolição os negros não eram retratados na literatura e, quando eram, seus papéis não tinham relevância positiva. Este *modus operandi* se fazia bastante coerente para manutenção do regime escravocrata que tinha como premissa a inferioridade dos povos não brancos, sendo o pior deles, o povo negro. Como não eram considerados humanos, a existência dos negros foi invisibilizada na literatura e resumida à condição de escravo, o que nada dizia sobre a pessoa negra em si (CASTILHO, 2004).

A Lei 10.639/03, ao alterar a Lei no 9.394/1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, propondo, então a desmitificação da imagem de negros(as) como escravizados e incapazes. Essa construção deve ser feita desde os primeiros anos através de práticas propostas pelos docentes, ressaltando a importância do povo negro na formação da sociedade e do que hoje entendemos como Brasil. (BERNARDO, SILVA, 2020).

A escola é responsável pelo enfrentamento do preconceito nos seus espaços, e isso só é possível com a adoção de mudanças concretas que possibilitem o surgimento de novos valores e práticas (GOMES, 2012). Um ponto de atenção é que nem sempre os professores têm condições de abordar a temática racial com seus alunos. E isso ocorre porque o conteúdo destinado ao público afro é tão pouco difundido que não alcança a Academia. Ou seja, temos professores que, apesar de entenderem a necessidade de abordar o tema, não se sentem preparados para tal e acabam tratando do assunto apenas na semana do dia 20 de novembro conforme o Art. 79-B da Lei 10.639/03 prevê (BERNARDO, SILVA, 2020).

O mercado editorial e o perfil do consumidor de livros

Segundo Néstor García Canclini (1997), não há como separar consumo de comportamento. Para ele, há uma conexão direta entre o comportamento e o que as pessoas vivenciam ou deixam

de vivenciar, por meio daquilo que consomem e/ou experimentam. Daí a importância de garantir que as crianças tenham acesso a livros capazes de “apresentar características pedagógicas onde professor e aluno sejam críticos e reflexivos em relação aos conteúdos ali abordados” (FURTADO, GAGNO 2009).

Porém quanto menor o poder aquisitivo, menos livros as pessoas tendem a comprar. A forma pela qual os brasileiros têm acesso à livros ainda é majoritariamente a compra em livrarias físicas ou virtuais. Porém, a quinta edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2020), realizada pelo Instituto Pró-Livro, indica que 27 milhões dos brasileiros de classe C consomem livros por meio de compra, sendo diretamente afetados com a oscilação de preços no setor. “O preço influencia 22% dos leitores na hora da compra e é o principal fator de decisão na escolha de um título.” (VALOR ECONÔMICO, 2020).

Metodologia

A abordagem utilizada nesta pesquisa foi quali-quantitativa. Segundo Dalfovo, Lana e Silveira (2008), as duas abordagens podem ser utilizadas em conjunto, já que a pesquisa qualitativa pode apresentar informações que traduzam ou representem os dados numéricos obtidos na pesquisa quantitativa. A pesquisa foi do tipo aplicada e com finalidade descritiva, pois levantou dados para análise do desequilíbrio de representatividade e os possíveis impactos no desenvolvimento da autoestima de pessoas negras.

Foram utilizados como instrumentos de coleta um questionário fechado e um roteiro de entrevistas. O questionário (etapa 1) foi aplicado via Google Forms de forma anônima a jovens e adultos negros com idade de 15 a 35 anos, alfabetizados na cidade do Rio de Janeiro/ RJ e foi exigido login para garantir que cada pessoa respondesse apenas uma vez.

Dos respondentes, 65,1% têm entre 25 e 35 anos. Aqueles que possuem renda a partir de 1 salário-mínimo representam 72,1% e os que não possuem renda são 27,9%. Um total de 97,7% das pessoas possui escolaridade acima do ensino fundamental e, entre esses, mais de 82% têm ensino superior completo ou estão cursando a universidade. Por fim, verificou-se que 45,3% dos participantes cursaram a maior parte de seu ensino formal em instituições particulares e 54,7% em instituições públicas. Logo, esta variável não foi utilizada para estabelecer alguma conclusão devido a distribuição uniforme entre as duas opções.

Além disso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas (Etapa 2) com profissionais da educação da rede pública e privada para análise da perspectiva do professor a respeito do uso de materiais específicos para desenvolvimento da identidade racial de seus alunos.

Quadro 1 – Perfil dos entrevistados

PERFIL DOS EDUCADORES ENTREVISTADOS							
Identificação	Graduação	Formado em Universidade	Leciona há	Faixa etária dos alunos	Leciona em escola(s)	Etnia	Gênero
P1	Licenciatura e Bacharelado em Matemática	Pública	10 anos	12 a 17 anos	Privada	Preta	F
P2	Bacharelado em Ed. Física ; Escola Normal	Privada	5 anos	04 a 10 anos	Privada	Branca	F
P3	Licenciatura e Bacharelado em Letras (Port e Espanhol)	Pública	5 anos	10 a 15 anos	Pública	Branca	F
P4	Licenciatura e Bacharelado em Pedagogia	Pública	3 anos	10 a 15 anos	Pública	Preto	M

Fonte: Elaborado pela autora (2022) a partir de resultados da pesquisa

Legenda: P1 = Professora 1; P2 = Professora 2; P3 = Professora 3; P4 = Professor 4; F = Feminino; M = Masculino.

A análise de conteúdo foi aplicada seguindo as três etapas de Bardin (1997): pré-análise, exploração do material e tratamento dos dados obtidos/interpretação para analisar as entrevistas. As respostas ao questionário fechado, foram analisadas por meio de estatística descritiva.

Análise das respostas ao questionário da pesquisa

Apenas 12,8% dos participantes acreditam que crianças com baixa autoestima se tornarão adultos com o mesmo potencial de sucesso do que crianças que possuem autoestima elevada. Ou seja, os dados acompanham a literatura, validando a ideia de que a criança que tende a ter uma autoestima baixa pode permanecer com este sentimento ao longo da vida, afetando seu desenvolvimento pessoal e profissional.

As respostas indicaram que somente 18,6% dos respondentes consideram sua autoestima alta. 86% deles já se sentiram inseguros em relação a sua aparência e 84% se recordam de terem sofrido ofensas ou de serem tratados de forma diferente por causa de seus cabelos, formato do nariz e/ou lábios, tom de pele etc. Considerando que apenas 17,4% deles tem lembrança de terem visto personagens negros representados em livros, didáticos ou não, fora do perfil

escravizado ou marginalizado, as respostas sugerem que, além dos demais fatores, a falta de representação positiva de seus semelhantes, pode ter criado uma espécie de lacuna no desenvolvimento da autoestima dessas pessoas. Esta consideração foi feita por Castilho (2004), na qual o autor ressalta o quanto a imagem da pessoa negra foi - e em alguns casos, ainda é - estereotipada e carregada de simbolismos que levam a criança a rejeitar sua semelhança àqueles arquétipos.

Os resultados sugerem que 91,9% dos sujeitos acreditam que as referências visuais recebidas na infância (TV, internet, literatura etc.) ajudaram a moldar a sua percepção estética. Isto valida o entendimento de Nobles (2009) sobre a importância do aparato político midiático no desenvolvimento de padrões estéticos e ideias. Verificou-se que 100% dos respondentes consideram importante que crianças se vejam representadas em livros também e não só na TV, o que nos remete diretamente aos estudos de Puga e Ortega (2017), que afirmam que por meio dos livros é possível imprimir conceitos garantindo uma boa formação do ponto de vista técnico e social.

Entre os respondentes, 83,7% tiveram acesso a livros não didáticos durante sua formação escolar e 87,7% consideram que o hábito de ler pode ajudar na qualidade da formação de um indivíduo, na sua relação consigo mesmo e com aqueles que o cercam. Porém vale retornar ao dado de que dentre os entrevistados, mais de 82% não se recorda de terem visto pessoas negras fora do perfil escravizado ou marginalizado. Sendo assim, as respostas sugerem que, pelo menos na infância dos que responderam, não houve efetividade na utilização da literatura como ferramenta para desenvolver a temática racial.

Ainda de acordo com os resultados da pesquisa, 95,3% dos respondentes são a favor de que temas raciais sejam abordados na escola, pois é importante para formação e letramento racial. Os outros 4,7% estão distribuídos entre pessoas que acreditam que este tema deve ser tratado em casa pelos responsáveis e pessoas que acreditam que crianças não compreendem este tipo de assunto. Apesar de somente 45,3% nunca terem ouvido falar da Lei 10.639/03, mais de 90% dos respondentes ressaltaram a importância da aplicação de leis na atenuação de práticas de racismo a médio e longo prazo.

Análise das entrevistas

Pensar em livros como uma ferramenta para dismantelar a mentalidade colonial, especialmente na infância, devido ao tempo que crianças dedicam a escola parece óbvio, mas pode não ser funcional. A linguagem pode e deve ser adaptada para que o assunto seja inserido de maneira orgânica no aprendizado, inserindo mais personagens negros nos livros.

P4 – (...) é importante incluir a literatura porque mesmo de formas sutis a gente consegue trabalhar questões bem pontuais, ou deixar uma faísca para ela(criança) ter uma visão mais ampla.

O discurso dos entrevistados passa pela teoria no ponto em que a entrevistada P1 ressalta que é importante que a educação contemple a história brasileira como de fato é, e não somente do ponto de vista exploratório, remetendo a problemática da imagem da pessoa negra presa ao perfil escravizado. Obras com esse viés podem dar um tom de “confirmação” da supremacia branca estigmatizando e enfraquecendo a imagem cultural dos demais povos, entre eles o povo negro como ressaltou Castilho (2004).

P1 - A gente só trabalha o Brasil do ponto de vista da exploração, imagina se mudasse... É óbvio que vamos ver adolescentes falando que não querem ter filhos de cabelo *duro* e que não podem tomar sol demais, senão a pele escurece; que não querem se casar com homem ou mulher preta. Para muita gente isso é muito normal, então quanto antes a criança aprender sobre isso melhor. A gente precisa garantir que isso seja passado para eles.

Torna-se necessário resgatar nossos adultos e evitar que as crianças se percam por não compreenderem o seu lugar no mundo ou por duvidarem da existência deste lugar. O Professor 4 (P4) apontou ao longo da entrevista o quanto esse processo de epifania pode ser solitário, pois a busca de reconectar-se consigo mesmo não é simples nem rápida.

P1 - Conforme você vai ficando mais velho, você percebe que sua pele não vai ficar mais clara, seu cabelo não vai ficar menos encaracolado, seu nariz não vai afinar e seu lábio não vai diminuir. Isso é muito doloroso para uma criança e para um adolescente que está se descobrindo.

Seguindo o raciocínio de Fanon (2008), é essencial que haja material criado especificamente para crianças negras, como livros, inclusive de história, músicas etc. Pois segundo o autor “até

prova em contrário, estimamos que, se há traumatismo, ele se situa neste momento da vida.” – a infância (FANON, 2008, p. 132). A Professora 3 (P3) e o Professor 4 (P4), que trabalham em escolas pertencentes à Prefeitura do Rio de Janeiro concordam que existe material para desenvolver o tema, mas não é amplamente difundido e utilizado.

P4 - Tem material, mas não é bem disponibilizado. Não me ofereceram, mas com o tempo eu descobri que tinha muita coisa legal, livros muito interessantes. Provavelmente por má gestão ou falta de incentivo da prefeitura de aprofundar essas discussões, mas eu acho que vem mudando aos poucos sim.

Porém, o fato do material ser insuficiente não se torna um impeditivo, pois ambos (P3 e P4) têm liberdade de incluir materiais e temas em suas aulas.

P3 - O material ao qual tive acesso não tinha problemas em relação à adequação, mas ainda é muito pouco em relação à suficiência. Por ser professora da rede pública, tenho uma certa liberdade de produzir material e nada me impede de fazer coisas e produzir para preencher determinado assunto.

No caso das educadoras de escolas privadas, Professora 1 (P1) e Professora 2 (P2), não foi disponibilizado nenhum material voltado para a temática racial e ambas enfrentaram resistência na tentativa de incluir conteúdo fora do programa definido pela escola, não tendo liberdade de inserir o assunto em suas aulas. A P1 relatou que se sente restrita ao material fornecido pela escola e que até pode incluir alguma coisa contanto que não seja frequente e que não interfira no programa. Já a P2, uma de suas iniciativas resultou no seu desligamento da escola.

P2 – Já aconteceu de eu fazer um trabalho que ficou exposto e eu tive problemas a ponto de ter que me desligar da escola. Eu estava dando aula de ritmos e eu trabalhei *funk*. Sabemos o preconceito em cima dele (*funk*), mas levei e fiz um trabalho pedagógico. Então sei que não foi por ementa, foi pelo tema.

O fato de as escolas disponibilizarem material insuficiente e deixarem a critério dos professores tratar ou não determinado assunto, gera uma certa discrepância entre as aulas,

fazendo com que as crianças não tenham uma educação uniforme. Segue o relato da P3 a respeito desse assunto:

P3 - Como educadora considero um problema que não seja homogênea a perspectiva dos professores em relação ao tratamento do tema. O ponto central é como esse tema é abordado. Se chegamos no 13 de maio discutindo a abolição da escravidão dizendo como a Princesa Isabel é boazinha porque assinou a Lei áurea, era melhor nem ter falado! Para mim é questão da perspectiva de quem é o enunciador, a partir de que lugar ele está falando e as considerações a respeito disso. Não é apenas trabalhar as questões étnico raciais, mas trabalhar a partir de que viés? Se a gente só tem referenciais brancos, não tem um autor negro e principalmente uma autora, uma mulher negra, como referência é mais um problema. Que tipo de material a gente está levando? O que esse material aborda?

Dois dos professores entrevistados relataram não sentir interesse dos colegas por estudar e tratar este tipo de tema em sala de aula, o que levantou outra questão: o quão preparados os professores estão para abordar esse assunto com seus alunos?

P1 - A Universidade prepara o professor para o magistério, mas não prepara o professor para lidar com o aluno e suas particularidades.

P2 - Não sinto essa preocupação nos meus colegas, nunca me foi apresentado como estudante, nem na faculdade. Eu comecei a ter interesse quando fui fazer o TCC. Eu sou a única professora dentro do meu ciclo de colegas que fala sobre isso.

Ao serem questionados se acreditam que iniciativas legais como a Lei 10.639/03 são eficazes em produzir resultados no cotidiano educacional, tivemos a P2 dizendo “Sim, mas ainda está muito distante”, no sentido de que falta preparar os educadores para lidar com questões de diversidade em geral e garantir que todo material utilizado colabore para este fim. Já a P1 relata que é importante existirem leis como essa, mas mais importante ainda é garantir sua aplicação de maneira eficiente.

Ao serem questionados se notam diferença entre a forma que crianças negras e brancas enxergam a si mesmas, podemos ver que a colocação da Professora 2 e do Professor 4 corroboram a discussão trazida por Nazaré, Sousa, Ferreira e Amorim (2020) de que as crianças percebem as diferenças que existem, e que uma delas é a racial.

P2 - Eu já tive caso de criança que não se aceitava negra. Ela olhava para si e eu perguntava a cor da pele dela, ela me dizia que era branca e ela não era!

Assim como a P2, o entrevistado P4 trouxe um relato semelhante de que seus alunos não querem ser negros e, que apesar de não se declararem brancos também não se declararam negros. Porém, para a P3, o fator mais importante a se considerar é se a criança tem contato com esse tipo de tema, pois a falta de contato afetará a sua capacidade de sintetizar o que está acontecendo. Além disso, a P3 reforça que não se trata de inteligência ou idade:

P3 - Não que ela não vá entender, não é porque é criança que é menos inteligente. É questão de fase, adequação de linguagem, de tratamento das coisas. Mas ela pode ter um pouco mais de dificuldade para alcançar algumas coisas que uma criança que já está inserida na discussão vai conseguir pegar com mais facilidade. Depende do contexto em que a criança está inserida e da criança em si.

Ao serem questionados se uma boa formação identitária influencia no desenvolvimento escolar do aluno, os entrevistados P1 e P2 foram categóricos ao afirmar que sim, pois para estas duas educadoras, têm a ver com garantir que a criança acredite que consegue aprender e isso está diretamente ligado à sua autoimagem. Alinhado a estas reflexões, o P4 ressalta que é fundamental fazer com que a criança se sinta acolhida no ambiente escolar, e que costuma trazer para a sala aula referências do cotidiano.

A P1, ressaltou que talvez a criança não compreenda, mas se sente diferente e não pertencente àquele lugar e este sentimento costuma desencadear um processo de “resposta” no qual o aluno forja uma persona na tentativa de se encaixar ou se isola, e ambos os comportamentos afetam negativamente o seu desempenho. A fala da P1 nos faz revisitar as

conjecturas feitas por Nobles (2009) de que a tentativa de se enquadrar na branquitude pode fazer com que a pessoa negra desenvolva comportamentos nocivos para si mesma.

Por outro lado, o educador P4 destaca que as crianças negras compreendem perfeitamente que o mundo não foi feito para elas, mesmo que não sejam capazes de sintetizar esse fato. Tal qual Souza (1983), o P4 nos leva a refletir sobre a fragmentação da autoestima da pessoa negra ao deparar-se com um mundo no qual tudo aquilo que ele não é, é enaltecido, criando um contraste entre quem ele é e o que “deveria” ser, gerando frustração e, em alguns casos, a negação de si mesmo. E quando se trata de crianças, o P4 afirmou:

P4 - Elas podem não expressar isso verbalmente agora, mas elas têm noção, mesmo que de forma inconsciente, que o mundo que elas vivem foi feito para pessoas brancas. É só elas ligarem a televisão, ver Netflix. (...) a autoestima já é afetada desde a infância.

Complementando a colocação do educador P4, ao longo da entrevista a educadora P3 frisou a importância de fomentar a valorização da pessoa negra pois, na contramão, as pessoas brancas têm sua imagem reforçada o tempo inteiro.

P3 - A valorização tem que acontecer. A gente ‘tá’ o tempo todo vendo que a pessoa branca é bonita, se tem olhos claros é mais bonita, se tem um determinado corpo é ainda mais bonita. Como não atribuir valor num processo de reconstrução? E não tem problema a garota loira ser considerada bonita. Mas se existe um movimento de valorização de um determinado padrão, por que isso não pode acontecer para outros padrões? O problema está na valorização de um e a desvalorização do outro.

Como foi mencionado pela P1, “quando criança a gente quer ser o que a gente vê. Você quer ser o ator/atriz mirim que faz sucesso, ninguém quer ser a Pata ou o Cirilo.” Nesta fala, dois pontos são fundamentais: a necessidade das representações positivas de pessoas negras e a importância dos meios de comunicação.

Considerações finais

Se não é possível fugir para um lugar onde não exista racismo, resta trabalhar para que este mundo seja um lugar menos cruel, especialmente para as crianças. A mudança precisa ocorrer onde tudo começa: na escola. A escola é o lugar onde o Estado imprime sua essência e o seu plano de futuro. E é assegurado pela CF 88 o direito ao pleno desenvolvimento. E os resultados sugerem que o acesso a livros representativos, em conjunto com outras ferramentas, pode propiciar um desenvolvimento mais saudável da autoestima de pessoas negras.

A subjetividade das crianças merece atenção, mas infelizmente não é difícil encontrar pessoas que reproduzem um discurso semelhante ao da mãe de um dos alunos do educador P4, que afirmou que "esse negócio de artes não vai ajudar meu filho, ele vem para escola para estudar". De certa forma, as escolas nem sempre são zelosas com a esfera abstrata do desenvolvimento infantil. O objetivo é que as crianças não cresçam desejando ser outra coisa para negar sua negritude. Esta negação só ocorre pela falta de valorização da pessoa negra em sua complexidade, perpassando a estética, a suposta inclinação para criminalidade, violência e lascívia. Alguns já se deram conta de que a Globeleza não representa a mulher negra e que o menino da periferia pode sonhar em ser outra coisa além de jogador de futebol. Negar o sonho é, em parte, negar o que nos faz gente. Educar crianças de maneira completa é um ato político porque no sentido prático facilita a mobilidade social e no sentido abstrato, gera esperança. A criança negra (assim como qualquer criança) precisa se reconhecer bela e capaz. Como foi verificado na literatura revisada, é possível reverter um caso de autoestima baixa, mas seria mais fácil e, até mesmo, mais inteligente produzir ambientes mais férteis para o desenvolvimento saudável da autoestima.

Os resultados da pesquisa indicam que o acesso a livros representativos, em conjunto com outras ferramentas, pode propiciar um desenvolvimento mais saudável da autoestima de pessoas negras. Entretanto, tais resultados também sugerem que o material utilizado nas escolas nas últimas duas gerações não possui conteúdo adequado em relação à inclusão de pessoas negras. Outro ponto de atenção, é que aparentemente existe um desequilíbrio entre escolas públicas e particulares no que tange a temática racial, e que as escolas públicas, de certa maneira, estão um passo à frente por promoverem um ambiente mais flexível ao professor que deseje abordar o assunto. Por outro lado, como o material fornecido pelas instituições públicas não é amplamente difundido, e os educadores não têm formação orientada para desenvolver o tema,

acaba ficando a critério do professor levar ou não estes assuntos para sala de aula, gerando falta de uniformidade no tratamento do tópico em questão.

Apesar do foco deste estudo ter sido a representatividade na literatura, não faria sentido ter livros bem elaborados para este fim e sem uma lógica semelhante nos demais veículos de informação, especialmente na TV. Não se pode negar a máxima de que não é preciso saber o que é o fogo para ser queimado e, é assim que o racismo se manifesta em pessoas que não possuem letramento racial. A falta de conhecimento sobre o assunto não inibe o sofrimento. E, se tratando de pessoas não negras, a falta de reflexão sobre o assunto pode colocá-las numa posição de conforto, conforme foi afirmado por P3 na fala: “É difícil para a pessoa que está no auge do privilégio perceber que tem gente que não tem os mesmos privilégios que ela.”. Ter referências é um fator determinante para que a criança consiga construir uma autoimagem positiva e uma imagem respeitosa de quem é diferente dela. Trata-se de atribuir valor a todo ser humano de maneira equivalente, de modo que ao ligar a TV não se note que tem um, dois, ou nenhum personagem negro na obra. É necessário falar de personagens negros orbitando a branquitude na produção artística em geral, além de realizar um trabalho minucioso nos gráficos dos livros didáticos para promover equivalência entre personagens negros e brancos. Também seria importante que os indígenas aparecessem em outro contexto que não fosse a dominação portuguesa e Dia do Índio, negligenciando a complexidade de sua cultura e contribuição para nação. Não basta incluir pessoas diversas na televisão, literatura etc., mas principalmente da mensagem que será passada por estes personagens.

Pode ser interessante aprofundar os estudos dos impactos do desenvolvimento da autoestima na infância e seu impacto ao longo da vida. Destaca-se que a autoestima de todas as crianças merece atenção, em especial das que pertencem a grupos posicionados à margem. Para isso, é necessário realizar pesquisas para verificar a necessidade de maior investimento em políticas públicas de inclusão e diversidade. Disponibilizar formação continuada para professores assim como incluir na matriz curricular dos cursos de licenciatura disciplinas obrigatórias para preparar os professores pode também ser um bom caminho para compor um padrão na maneira de debater a temática racial. Pesquisar sobre leitura voltada para a temática racial fora do recorte etário, pode trazer conclusões no que tange a reconexão da pessoa negra com a sua cultura e estética, além de investigar por que tais medidas ainda não foram tomadas,

se estatisticamente o racismo se manifesta em números de óbitos, desempregados e miseráveis sendo ocupados majoritariamente por pessoas negras.

Referências

ASSIS, Simone Gonçalves; **AVANCI**, Joviana Quintes. Labirinto de espelhos: formação da auto-estima na infância e adolescência. Rio de Janeiro. Fiocruz, 2004

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. São Paulo: Persona Psicologia, 1977.

BERNARDO, Ane Cristine dos Santos; **SILVA**, Alex Sander da. A inserção da literatura afro-brasileira e as suas contribuições perante a construção da identidade da criança na educação infantil. Revista Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, n. 1, jan./abr. 2020.

CANCLINI, Nestor Garcia Canclini. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Editora UFRJ, 1997

DE CASTILHO, S. D. A Representação do Negro na Literatura Brasileira: Novas Perspectivas. Olhar de Professor, v. 7, n. 1, 2 fev. 2009.

COOPERSMITH, Stanley. The antecedents of self-esteem. New York: WH Freeman and Co, 1967.

DALFOVO, Michael Samir; **LANA**, Rogério Adilson; **SILVEIRA**, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.2, n.4, p.01- 13, Sem II. 2008. Disponível em: <http://anais.unievangelica.edu.br/index.php/pedagogia/article/view/4464>. Acesso em: 10 mar. 2021.

FANON, Frantz. Pele negra máscaras brancas. Salvador: ADUFBA, 2008.

FURTADO, Andréa Garcia Furtado; **GAGNO**, Roberta Scrocaro. Políticas do livro didático e o mercado editorial. IX Congresso Nacional de Educação–EDUCERE. III Encontro Brasileiro de Psicopedagogia. Paraná. 2009

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. Currículo Sem Fronteiras, Minas Gerais, v. 12, p. 98-109, jan./abr. 2012.

JAMES, William. The Principles Of Psychology. New York: Consulting Psychologists Pr., 1890.

MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o racismo na escola. 2 ed. Brasília, DF:

Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005. p. 21-38

NAZARÉ, Edlani Santos Araújo; **SOUZA**, Ingrid Everton; **FERREIRA**, Thaynara da Costa; **AMARIM**, Elisângela Santos. A Literatura Infantil como um dos caminhos possíveis para a construção e valorização da Identidade Negra nas crianças. Braz. J. of Develop., Curitiba, v. 6, n. 9, p. 72418-72428, sep. 2020.

NOBLES, Wade. Sakhu Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. In: NASCIMENTO, Elisa. (Org.) Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora . São Paulo: Selo Negro , 2009. p. 277-298.

PUGA, Ana Paula Britski; **ORTEGA**, Lenise Maria Ribeiro. A importância do conteúdo dos materiais que são oferecidos às crianças: um caminho para os livros infantis. Pontifícia Universidade Católica. Minas Gerais. 2017

SABINO, Geruza de Fátima Tomé; **LOURENÇO**, Lucilene Gonçalves de Oliveira; **SILVA**, Davidson Bruno da. Racismo e representatividade da criança negra na literatura infantil: reflexões sobre o projeto de extensão e cultura “construindo a própria história”, Zero a Seis, Florianópolis, v. 21, n. 39, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2019v21n39p170>. Acesso em: 9 mar. 2021.

SCHWARCZ, Lília Moritz. Sobre o autoritarismo brasileiro. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.

VALOR ECONÔMICO. Segundo pesquisa, 27 milhões das classes C, D e E consomem livros. Disponível em: <<https://vermelho.org.br/2020/09/02/segundo-pesquisa-27-milhoes-das-classes-c-d-e-e-consoem-livros/#:~:text=Segundo%20o%20levantamento%2C%20o%20>

2o%20pre%3%A7o,a%20propor%3%A7%C3%A3o%20chega%20a%2025%25>. Acesso em: 3 maio 2021.

SILVA, Ana Maria. Gostando mais de nós mesmos: perguntas e respostas sobre autoestima e questão racial. Rio de Janeiro: Gente, 1999.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro Ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro. Graal, 1983.

TRZESNIEWSKI, Kali; **DONELLAN**, Brent; **ROBINS**, Richard. Stability of self-esteem across the life span. Califórnia, Journal of Personality and Social Psychology, 2003.

VIEIRA, Patrícia Lorraine Rodrigues de Ataíde; **FREITAS**, Maria Cecília Martínez Amaro. A criança e o desenvolvimento da autoestima. *In*: MOSTRA CIENTÍFICA DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIEVANGÉLICA, 2., 2017, Anápolis. Anais [...]. Anápolis: UNIEVANGÉLICA, 2017. p. 108-119.